

## ■ DIREITOS DOS ANIMAIS

Cientistas afirmam que legislação brasileira está defasada e que alternativas a testes carecem de mais investimentos

# Faltam verbas para aposentar cobaias

JULIA CHAIB

Brasília — A polêmica em torno da invasão do Instituto Royal, há duas semanas, por ativistas que de lá retiraram 178 cães da raça beagle usados em pesquisas, reacendeu a discussão sobre o uso de animais como cobaias de pesquisas científicas para desenvolvimento de produtos. O tema é sensível por envolver questões éticas e morais em relação ao uso de cobaias, em uma prática adotada pela comunidade científica do mundo todo. O Brasil aparece como um país que ainda engatinha no assunto. Somente há cinco anos foi aprovada uma lei para regulamentar o uso de mamíferos não humanos em testes. E o país ainda investe muito pouco em métodos de pesquisa alternativos se comparado às nações desenvolvidas.

Enquanto aqui o valor repassado à Rede Nacional de Métodos Alternativo (Renama) — criada no ano passado — para os próximos cinco anos foi de R\$ 1,6 milhão, na União Europeia o dinheiro disponível para o mesmo período chega a R\$ 400 milhões. Mas não é só a discrepância de valores que revela o atraso do país. Nos países europeus e na Austrália, as legislações que regulamentam o uso de ani-

mais em pesquisas foram desenvolvidas ainda nos anos 1980. No Brasil, isso ocorreu em 2008, com a aprovação da chamada Lei Arouca. A norma diz que, sempre que houver um método alternativo, ele deve ser usado em lugar dos animais. O texto também obriga a criação de comissões de ética em instituições que fazem pesquisas em animais, como universidades e laboratórios.

A Renama é formada por 10 laboratórios, que recebem recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Eles são responsáveis por elaborar os métodos que, em seguida, devem passar pelo Centro Brasileiro de Validação de Métodos Alternativos (Bracvam), ligado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e ao Ministério da Ciência e Tecnologia. No centro devem ser feitos testes científicos que comprovem a eficácia dos métodos desenvolvidos tanto no Brasil quanto no exterior. O Bracvam, entretanto, ainda não validou nenhum teste. Isso só deve ocorrer a partir do fim do ano, quando haverá a primeira reunião para discutir os métodos em si.

Pesquisadores e ativistas ouvidos pelo Estado de Minas confirmam que há uma tendência

mundial de busca por métodos que substituam animais em pesquisas. Gerente da campanha "Liberte-se da crueldade", da organização não governamental Human International Society, Helder Constantino defende o fim dos testes em animais, mas reconhece a dificuldade de fazer isso no momento. "É preciso ter investimento. O Brasil está à frente da China e da Índia, por exemplo, mas muito atrás da União Europeia e de outras nações desenvolvidas."

Médico-veterinário e pesquisador da Fiocruz, Carlos Alberto Muller aponta o baixo investimento como uma das barreiras para que esse processo avance no Brasil. "A Europa tem o Ecvam (centro que valida métodos alternativos), o Brasil tem agora o Bracvam que, com o Renama, precisam de muitos investimentos. Estamos engatinhando."

**BAIXA EFICIÊNCIA** O doutor em biociências Thales Tréz, do Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Alfenas, é favorável ao uso de métodos alternativos e defende mudanças na lei para que se dê mais destaque à questão da substituição. "A lei favorece o princípio do refinamento dos procedimentos com animais,

legitimando esse uso", argumenta. Tréz diz ainda que há testes cuja eficiência é baixa porque a realidade dos animais não tem correspondente com a espécie humana.

O presidente do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea), do Ministério da Ciência e Tecnologia, Marcelo Morales, defende o aumento dos recursos para a área. "O investimento não é pequeno só em métodos alternativos, mas em pesquisas como um todo. O investimento é proporcional ao que o Brasil faz em outras áreas. Até 2008, não tínhamos sequer uma lei sobre o assunto tramitando. É com grande louvor que o Brasil, pelo menos, investe nos métodos e cria uma agência nacional para validá-los."

Luiz Roberto Britto, vice-presidente da Federação Brasileira de Sociedades de Biologia Experimental diz que a busca por métodos alternativos é uma preocupação constante dos cientistas e acredita que, à medida que os métodos forem validados, eles serão usados imediatamente. "Não é possível eliminar-se a pesquisa com animais pura e simplesmente, como querem alguns. A sociedade, como um todo, quer uma qualidade de vida melhor, e para isso a pesquisa científica com animais ainda é fundamental."



Ativistas protestam contra o uso de animais em testes na Áustria: Europa debate desde os anos 1980 a proibição de cobaias

**SÓ QUEM ANUNCIA NO VRUM ESTADO DE MINAS PODE GANHAR UM ANÚNCIO COMO ESTE.**

**OFERTAS DA SEMANA:**

**HONDA FIT LX 1.4 FLEX**  
8V/16V 5P MEC. 4P  
2004/2005

**R\$ 22.900,00**

(31) 9114-7630



**VOLKSWAGEN FOX 1.0 MI**  
TOTAL FLEX 8V 4P  
2012

**R\$ 33.900,00**

(31) 8890-4223



**O VRUM é o único portal que veicula seu anúncio muito além da internet.**

**Até a nossa propaganda faz propaganda para o seu carro.**

**VRUM.COM.BR**  
(31) 3228-2000



**ClasificaDOS ESTADO DE MINAS**  
Vende mais porque todo mundo vê.

Promoção válida para MG durante o período de veiculação da campanha. Consulte as condições em [vender.vrum.com.br/promocao](http://vender.vrum.com.br/promocao)

## Lei proíbe uso de kit

O Brasil já detém tecnologia de um método alternativo eficaz para substituir animais em testes de cosméticos, mas esbarra na falta de legislação própria. A Rede Nacional de Métodos Alternativos (Renama) tem capacidade para produzir um kit de pele artificial que é usado em testes de produtos para fins estéticos em vários países. Esse método, no entanto, é feito a partir de células de pele humana. A venda do kit é proibida pela Lei 9434/97, que veda a comercialização de tecidos humanos, mesmo para fins de pesquisa.

De acordo com o presidente do Conselho Nacional de Experimentação Animal, Marcelo Morales, o kit é usado na Europa, que não permite a produção nem a venda de cosméticos testados em animais, e tem validade de sete dias, o que inviabiliza a importação.

Para tornar a venda possível no Brasil, é necessário que haja um esforço do Congresso Nacional para rever a lei. "Queremos que os brasileiros tenham acesso (à tecnologia) porque isso elimina uma série de pesquisas de testes de cosméticos", diz o pesquisador. Para ele, a revisão da lei facilitaria a discussão em torno da proibição do uso de animais em testes de produtos cosméticos no Brasil.

LEIA SOBRE ANIMAIS ABANDONADOS  
GERAIS, PÁGINAS 17 E 18

## PONTO CRÍTICO

A CIÊNCIA PODE PRESCINDIR DE ANIMAIS COMO COBAIA?

**THALES TRÉZ,**  
PROFESSOR DOUTOR DO INSTITUTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

### SIM NÃO

*"Nada na ciência deve ser considerado imprescindível, pois o empreendimento científico é movido por desafios. Há pesquisadores que consideram o uso de animais irrelevante do ponto de vista de seu valor preditivo (que se deduz a partir de informações prévias) quando a pesquisa investiga condições de saúde humana. Tendo a concordar com eles.*

*Recentemente, inúmeras publicações acadêmicas vêm mostrando que o valor preditivo das pesquisas com animais é muito pobre quando o objetivo da pesquisa é a condição humana. A própria indústria farmacêutica está atenta a isso e passando a investir em métodos mais eficientes. Há um custo muito alto em jogo quando se produzem medicamentos e aposta-se que a modernização da fase pré-clínica seja fundamental para que os prejuízos sejam evitados. Essa modernização implica tirar o modelo animal da pesquisa. Todos os países usam animais em pesquisas. Mas, há uma tendência em se abandonar esses procedimentos. O Brasil está atrasado em, pelo menos, 20 anos em relação a esse debate."*

**LUIZ ROBERTO G. BRITTO,**  
VICE-PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DE SOCIEDADES DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL (FESBE)

*"A pesquisa científica com animais, respeitados os princípios éticos que a Lei 11.794/2008 preconiza, é imprescindível, em particular para o desenvolvimento de novos medicamentos, novas vacinas e novas terapias. Portanto, de uma melhor qualidade de vida, incluindo a dos animais. Esse é um aspecto que costuma ser ignorado. Os veterinários certamente usam medicamentos desenvolvidos com base na pesquisa animal. Há uma vasta lista das contribuições que a pesquisa com animais gerou, o que não pode ser ignorado. O Brasil, como os outros países, não pode prescindir dessas pesquisas, a não ser que decida abrir mão de sua soberania e passar a apenas importar conhecimento, medicamento ou procedimento na área das ciências da saúde. Por outro lado, os cientistas têm o objetivo constante de procurar métodos alternativos, mas é preciso compreender que o organismo animal, incluindo o humano, é muito complexo. Simulações ou testes em modelos ainda não produzem resultados confiáveis e seguros."*